

Entrevista para o site da Editora Ática

Jorge Vasconcellos

Fev. 2002

1. Relate um pouco da sua história profissional como escritor. Sabemos que você já se aproxima da primeira centena de livros publicados, portanto já é uma história longa. Porém, certamente algumas observações são as mais marcantes. Conte-nos uma "historinha" dessa grande história.

Escrevo desde a adolescência e tive, no tempo da escola, um incentivo grande por partes de professores que gostavam dos meus textos e até, de vez em quando, liam minhas redações em outras classes. Isso, claro, foi importante para mim. Escrevi meu primeiro texto para crianças com uns 17 anos. Chamava-se “Um autor de contos para crianças” que mais tarde, treze anos depois de escrito, foi publicado com o título de “Um homem no sótão”. Por outro lado, meu pai, Aroldo de Azevedo, era professor de Geografia na Universidade de São Paulo e autor de muitos livros didáticos. Dessa forma, o assunto livros, criação de livros, textos, publicações e editoras faz parte da minha vida desde que me lembro por gente. Para se ter uma idéia, somos em cinco irmãos e tres têm livros publicados. No meu caso, como sempre gostei de inventar histórias, fui escrevendo meu textos e guardando numa gaveta. Em 1979, estava com trinta anos, soube que a Melhoramentos procurava novos autores para lançar. Eu tinha vários textos mais ou menos prontos. Levei um deles e, no ano seguinte, saiu meu primeiro livro “O peixe que podia cantar”. Preciso dizer que durante anos trabalhei como publicitário, o que acabou sendo uma escola, tanto para desenvolver meu texto como no sentido de compreender a linguagem visual. A partir de 1983, consegui largar meu emprego e passei a trabalhar exclusivamente com livros. Isso foi muito bom.

2. Há alguma fase do seu trabalho que seja a preferida? Ou alguns títulos que sejam "aqueles mais queridos"?

Não é nada fácil ser escritor e viver de livros no Brasil. Trabalho muito, luto tanto que nem tenho tempo de pensar nisso. Acho que cada livro é como uma viagem que eu fiz, um aprendizado, uma experiência de vida. Em cada um deles, dei o melhor de mim. Talvez meu primeiro livro seja o mais importante porque com ele consegui abrir um caminho novo na minha vida. Posso dizer também que há anos venho estudando certas questões da cultura popular e isso, com certeza, tem tido influência sobre o meu trabalho, tanto em termos de texto como de imagens.

3. Você sempre pensou em ilustrar suas obras, ou começou a fazê-lo a partir de certo momento? Como o escritor Ricardo Azevedo avalia o ilustrador Ricardo Azevedo?

Sim, desenho desde pequeno, aliás, como quase todo o mundo. Quando escrevi meu primeiro texto para crianças, ainda moleque, sonhei que um dia, talvez pudesse fazer um livro com texto e imagens minhas. Posso dizer que texto e desenho são formas minhas de expressão, ambas riquíssimas, cada qual com suas peculiaridades. Às vezes, quando estou escrevendo, penso: isso não vou detalhar pois o desenho vai dar conta melhor. Outras vezes penso: é preciso trabalhar bem tal cena pois ela é essencialmente literária e não pode nem deve ser desenhada. Faço sempre o texto primeiro; os desenhos vêm depois. Quando estou escrevendo surgem idéias visuais e imagens. Nuncas as aproveito pois são fracas e óbvias. Só depois, quando o texto está pronto e, num certo sentido, estou livre dele, é que consigo trabalhar com as imagens. Dizem que texto e imagem correspondem a diferentes partes do cérebro. Acho que são mesmo.

4. O que pensa sobre a produção editorial infanto-juvenil brasileira?

Tenho certeza de que ela é forte e de que há muita coisa boa e original, ótimos escritores e ótimos ilustradores. Poderia citar, entre o pessoal novo, Leo Cunha, Roger Mello, Ricardo Cunha Lima, Christiane Grübel, Marcelo Carneiro da Cunha, Raquel Coelho, Marilda Castanha, Celso Sisto e Rita Espechit, entre vários outros, gente talentosa com um trabalho criativo e consistente. Há, claro, muito porcaria também, mas isso nunca foi privilégio da literatura infantil. Tem de monte na literatura chamada “adultta”, em trabalhos universitários, no jornalismo, na televisão, no teatro, no cinema, na música, na internet, enfim, em todas as áreas. Faz parte.

5. E a produção internacional dessa área, você acompanha?

Conheço alguma coisa do que se faz lá fora e posso garantir que nossa produção é boa. Antigamente os livros estrangeiros tinham uma produção gráfica superior mas hoje isso está mais ou menos nivelado. Em matéria de textos, não devemos nada à ninguém. Uma coisa é certa: trabalhos de qualidade, livros com bons textos, imagens que saibam dialogar e ampliar o universo significativo do texto, e projetos gráficos coerentes e enriquecedores são raros tanto lá como aqui. Em qualquer área é assim.

6. Sem querer ser pretensioso, acredito que seu livro recentemente lançado "Um homem no sótão" é deliberadamente sofisticado por apresentar, por exemplo, uma narrativa metalingüística. Até mesmo a

numeração das páginas oferece um bom pano para mangas. Se o conteúdo desta questão for verdadeiro, trata-se de uma "obra experimental", talvez de uma nova fase do seu trabalho?

Engraçado você dizer isso pois, como contei, “Um homem no sótão” foi o primeiro texto para crianças que escrevi. Estou relançando agora pela Ática mas o livro foi publicado antes, em 1982, pela Melhoramentos. O que posso dizer é que o processo desse livro foi um pouco diferente do dos outros. Escrevi o texto ainda moleque mas só fui desenhá-lo muito depois, quando já era adulto. Como havia um distanciamento, pude, como desenhista, examinar o texto com outros olhos e isso acabou sendo uma experiência extremamente rica. Aprendi com ela que o ilustrador pode e deve desenhar coisas que o texto não disse, enriquecendo e ampliando assim o sentido geral do trabalho final. Não creio, em todo o caso, que o livro seja “experimental”. Os recursos usados no livro foram necessidades pedidas pelo próprio texto. Para mim, “Um homem no sótão” é uma espécie de especulação sobre o ato de escrever e algumas de suas implicações éticas.

7. Como se vê hoje no panorama literário e editorial brasileiro?

O único panorama que vejo é que preciso trabalhar muito para viver e desenvolver meu trabalho. Francamente, não tenho distanciamento para “me ver” dentro da produção editorial. Também nem é função minha.

8. Soube que você tem um projeto com livros que não são comercializados.

Sim, trata-se do projeto Fura-bolo. Sou autor de 8 livros de literatura infantil, muito bem produzidos pela Cargill, ilustrados pela Mariana Massarani, Eva Furnari, Alcy Linares e por mim. Esses livros são distribuídos gratuitamente e utilizados em escolas de comunidades pobres, com crianças sem acesso a livros de ficção e de poesia. Para que a coisa funcione, a Cargill ainda dá uma capacitação, feita pelas educadoras Candu Marques e Lú Mendes, aos professores que vão trabalhar com os livros. Hoje já são mais de setenta mil crianças envolvidas, em municípios espalhados por todo o Brasil. É um projeto maravilhoso, social e cultural, que realmente ajuda a formar leitores e do qual eu, e todos que dele participam, se orgulham muito.

8. Alguma obra nova está sendo preparada?

Bem, gostaria de falar de um livro que acaba de sair do forno. Trata-se de “O sábio ao contrário” publicado pela Editora Senac. É um texto diferente das coisas que venho fazendo e acho que ficou interessante e divertido. Fora isso, devo lançar agora pela Ática o “No meio da noite escura tem um pé de maravilha!” uma reunião de dez contos populares recontados por mim. Há quase vinte anos venho fazendo uma pesquisa com narrativas populares e este livro traz algumas das mais belas que encontrei. Vou lançar ainda “Trezentos parafusos a menos” um texto juvenil que vai sair pela Cia das Letras com ilustrações da Mariana Massarani. Estou também preparando uma antologia de textos meus que deverá ser publicada pela Ática no segundo semestre. Queria dizer que é um privilégio e uma sorte poder trabalhar com livros.